

Um Futuro para a Terra

© 2022 – Conhecimento Editorial Ltda

# Um Futuro para a Terra

## *Looking Backwards*

Edward Bellamy

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)

[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

**Tradução:** Mariléa de Castro

**Projeto gráfico:** Sérgio Carvalho

**Ilustração da capa:** Shutterstock

ISBN 978-65-5727-134-6

1ª edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita em Brasília*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150  
Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Bellamy, Edward

Um Futuro para a Terra / Edward Bellamy –  
[tradução de Mariléa de Castro] 1ª ed. – Limeira,  
SP: Editora do Conhecimento, 2022.

210 p.

ISBN: 987-65-5727-134-6

Título original: Looking Backwards

1. Ficção científica 2. Ficção norte-americana 3.  
Utopias I. Título II. Castro, Mariléa de

22-1724

CDD – 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica

Edward Bellamy

# Um Futuro para a Terra

Tradução  
Mariléa de Castro

1ª edição  
2022



# LOOKING BACKWARD

2000 - 1887



By  
Edward  
Bellamy

To which is added  
THE AUTHOR'S REPLY  
to his Critics.

WARD, LOCK & CO.  
- London -  
New York and Melbourne.

## Apresentação

Esta obra pertence a uma tradição literária que se pode dizer ligada à *República*, de Platão, mas teve início com Thomas Morus que, em 1516, publicou a sua famosa *Utopia* – onde pintou uma sociedade ideal, profundamente igualitária, pacífica e fraterna – e inaugurou, para a literatura ocidental, uma corrente que é a das *utopias*. Dezenas delas se seguiram, nos séculos seguintes e até o presente, com maior ou menor brilho. Todas dedicadas a propor, para o futuro e a felicidade da raça humana, uma sociedade ideal. Em todas, a essência comum é a **igualdade**: uma sociedade sem classes, sem privilégios, baseada na solidariedade, com bem-estar e abundância para todos (Aliás, sem tirar nem pôr, o modelo nunca implementado do cristianismo).

O interesse e a novidade desta obra residem de início em ser uma utopia eminentemente moderna. Publicada por Edward Bellamy, um norte-americano, em 1888, é a que pela primeira vez modela uma sociedade utópica pós revolução industrial, e prevendo um mundo onde a industrialização plena constitui a espinha dorsal. Um mundo próximo de nós, que poderia ser o nosso.

Atendendo ao espírito da época, e mais ainda às características da cultura americana, com sua valorização da eficiência, da organização, com a ênfase na produção de riqueza, Bellamy construiu um modelo de sociedade que teria surgido – sem revoluções nem massacres – no século XX, como uma

decorrência inteligente do modelo industrial, que era a grande conquista instalada na sociedade. Tomando a mecanização, a produção em massa, a possibilidade de finalmente produzir bens e riqueza num nível nunca antes alcançado, e capaz de – fosse equitativamente dividido – acabar com a pobreza e as necessidades coletivas, ele teceu uma base econômica absolutamente igualitária e eficaz para permitir o florescimento das melhores características do ser humano – a solidariedade, o respeito mútuo, a justiça, a generosidade. A igualdade cristã finalmente concretizada, num mundo onde o trabalho é o eixo motriz do mecanismo social.

Bellamy conhecia seus concidadãos, e propôs a eles um caminho que levava à evolução social em seus próprios termos e valores. O resultado foi uma obra singular em sua visão moderna, herdeira das mais nobres visões dos sonhadores da igualdade, do mundo melhor, da primazia da *sociedade* – socialistas, portanto, em oposição aos individualistas – mas que não ostentava esse rótulo. Ele tinha noção do poder paralisante das palavras, do temor irracional suscitado pelos termos cujo sentido real é desconhecido pelas massas, mas lhes é incutido como de espectros malignos.

O socialismo é um deles. Dificilmente é entendido pelo que realmente é – uma visão social e política baseada no princípio da igualdade, que busca o bem da *sociedade* como um todo, daí o termo – e que teve inúmeras propostas, desde os cristãos primitivos aos chamados socialistas utópicos, passando por muitas experiências coletivas ao longo dos séculos. Em vez disso, sendo assimilado apenas à corrente marxista e à deprimente experiência soviética, foi demonizado por aqueles a quem não interessava a contestação do modelo dos privilégios seculares, e imposto às massas incautas com chifres e cauda, ao ponto de os próprios oprimidos aplaudirem o discurso dos opressores.

Dai a cautela realista com que Bellamy construiu e denominou sua utopia.

Antes de tudo, ele foi um idealista, que acreditava na fraternidade humana e abominava a miséria, a desigualdade e a competição irracional que fazia dos homens inimigos dos

semelhantes. O artifício de ficção que adotou mostra isso. O fio condutor da trama é a experiência de um rapaz de 30 anos, vivendo no século XIX, em 1887, que entra num transe mesmérico, e acorda 113 anos depois, no ano 2000. Encontra ali uma nova sociedade. Assim, seu personagem, Julian West, é colocado entre dois mundos: aquele de onde veio, com todas as suas contradições e as misérias da era industrial, e outro, igualitário, feliz, baseado num sistema econômico em que o estado substituiu a posse individual dos meios de produção, e a liberdade e a solidariedade fraterna imperam. Isso faz de Julian West o *alter ego* de Bellamy, que consegue expressar todo seu horror pelo sistema egoístico onde vivia, e comparar a cada passo as duas versões de sociedade.

Edward Bellamy nasceu em 1850, no estado de Massachusetts, filho de um pastor protestante. Estudou direito, mas abandonou a área para tornar-se jornalista e mais tarde escritor. Morreu prematuramente aos 48 anos, já casado e com dois filhos, e tendo publicado várias obras, entre as quais a presente, cujo título original é *Looking Backwards* - “Olhando para trás”. Esse livro fez imenso sucesso, com mais de um milhão de exemplares impressos nos Estados Unidos e sendo traduzido em 20 línguas. Diz-se que, depois de *A Cabana do Pai Tomás* e *Ben-Hur*, foi o maior best-seller da virada do século XIX. Teve grande impacto na sociedade americana, sendo que nos Estados Unidos foram criados 165 “Nationalist Clubs” para discutir e divulgar as ideias expressas na obra. Sua influência foi grande, inclusive na constituição do People’ Party, que absorveu o movimento Nacionalista que ele alavancou, fundando um jornal, *The New Nation*, em 1891. Para tudo isso, o termo nacionalista foi seu preferido, em vez de socialista. Afirmou mesmo, em texto dirigido a um amigo, que “um nome é muito importante, especialmente para causar uma primeira impressão”; e “socialista não é um bom nome para um partido ter sucesso na América”<sup>[1]</sup>. Sua sugestão foi seguida, e o novo partido chamou-se People’s Party – o partido do povo. E numa introdução que escreveu para os *Ensaio Fabianos* na edição

---

[1] Carta de 1888 ao crítico literário William Dean Howells.

americana, declarou que “o nacionalismo foi uma forma sob a qual o socialismo foi apresentado ao público americano”.<sup>[2]</sup>

Bellamy deixou um fresta entreaberta para a ideia da reencarnação, fazendo com que a jovem Edith, que Julian encontra no século XX, sinta e se acredite ser a reencarnação de uma jovem do século anterior; porém sugere isso com a sutileza compatível com seu (dele, Bellamy) meio e sua época. Mas deixa uma pegada reencarnacionista registrada no cenário desse novo mundo mais sábio e feliz. Uma sugestão, uma direção apontando um ingrediente para a nova consciência coletiva...Um “quem sabe?” para intrigar seus contemporâneos pragmáticos.

*Looking Backwards* tem um lugar marcante e único na estante das utopias. É filho da modernidade, é a resposta mais bem estruturada que um herdeiro de Morus ofereceu depois da virada radical da Revolução Industrial e do novo mundo que ela teceu, com seus horizontes e misérias, sinalizando um caminho de saída da escuridão e do atraso moral para a claridade de um mundo melhor. Talvez o mais generoso e por certo o mais viável para nós, entre os descendentes do grande Morus.

Mariléa de Castro

---

[2] Apresentação de Erich Fromm a uma edição de *Looking Backwards*.



## Prefácio

Vivendo, como estamos, no último ano do século vinte<sup>[3]</sup>, gozando as bênçãos de uma ordem social ao mesmo tempo tão simples e lógica que parece ser apenas a vitória do bom senso, é sem dúvida difícil para aqueles que não fizeram amplos estudos históricos dar-se conta de que a atual organização da sociedade possui, no todo, menos de um século. Contudo, nenhum fato histórico é melhor estabelecido do que este: até perto do fim do século dezenove, era crença geral que o antigo sistema industrial, com todas as suas revoltantes consequências sociais, estava fadado a durar, talvez com alguns poucos ajustes, até o final dos tempos. Quão estranho e quase inacreditável parece que uma transformação moral e material tão prodigiosa como a ocorrida desde então tenha se realizado em tão curto espaço de tempo! Não se poderia exemplificar de forma mais notável a rapidez com que as pessoas se acostumam, como se fossem coisas muito naturais, a melhorias nas suas condições as quais, se fossem antevistas, pareceriam ser o máximo que se pudesse desejar. Que melhor reflexão se poderia fazer para moderar o entusiasmo dos reformadores que esperam como recompensa a calorosa gratidão das épocas futuras!

O objetivo desta obra é auxiliar as pessoas que, desejando ter uma ideia mais clara sobre os contrastes sociais entre os séculos dezenove e vinte, se desencorajam ante o forma-

[3] Não é demais lembrar que este prefácio já é “escrito” pelo personagem Julian West, em seu fictício século XX; não é uma introdução à obra contemporânea ao escritor (N.T.).

lismo das histórias que se ocupam do tema. Alertado pela experiência de um professor que diz ser a aprendizagem um cansaço para o corpo, o autor tentou aliviar o teor didático da obra utilizando a forma de uma narrativa romântica, que ele ficaria feliz de supor não inteiramente desprovida de interesse em si mesma.

O leitor, para quem as modernas instituições sociais e seus princípios subjacentes são assuntos naturais, poderá às vezes achar as explicações do dr. Leete a respeito bastante triviais – mas deve-se lembrar que para o visitante dele não eram óbvios, e que este livro foi escrito com o objetivo expresso de levar o leitor a esquecer, por um momento, que para ele também são.

Mais uma coisa. O foco quase universal dos escritores e oradores que têm celebrado essa época do duplo milênio tem sido o futuro, e não o passado; não os avanços realizados, mas o progresso que será feito, sempre à frente e para o alto, até que nossa raça atinja seu inefável destino. Está certo, absolutamente certo, mas me parece que não podemos encontrar uma base mais sólida para tentar antecipar o desenvolvimento humano nos próximos mil anos do que “olhando para trás”<sup>[4]</sup>, para o progresso feito nos últimos cem anos.

Que esta obra possa ter a sorte de encontrar leitores cujo interesse pelo tema os leve a desconsiderar as deficiências com que é tratado, é a expectativa com que o autor se coloca de lado e deixa falar o sr. Julian West.

---

[4] Referência ao título original da obra, “Looking backward” – *Olhando para trás* (N.T.).

## Capítulo 1

Vi a luz pela primeira vez na cidade de Boston, no ano de 1857. “O quê!” dirão, “mil oitocentos e cinquenta e sete? Que erro estranho. Ele quer dizer mil novecentos e cinquenta e sete, naturalmente”. Peço desculpas, mas não há engano. Foi pelas quatro da tarde de 26 de dezembro, um dia depois do Natal, no ano de 1857 e não 1957, que pela primeira vez respirei o vento leste de Boston, o qual, asseguro ao leitor, era naquela época remota dotado da mesma intensidade que o caracteriza no atual ano da graça de 2000.

Essa afirmação é aparentemente tão absurda, em especial quando acrescento que sou um rapaz de cerca de trinta anos de idade, que ninguém pode ser censurado por se negar a continuar lendo o que parece ser apenas um apelo à credulidade. Entretanto, eu asseguro seriamente ao leitor que não pretendo nenhum apelo desses, e que tentarei, se me acompanhar por algumas páginas, convencê-lo disso.

Se puder então, provisoriamente, admitir, com o compromisso de vir a justificá-lo, que conheço melhor do que o leitor a data de meu nascimento, continuarei com minha narrativa.

Como qualquer estudante sabe, na última parte do século dezanove a civilização atual, ou algo semelhante, não existia, embora os elementos que a deveriam desenvolver já se encontrassem fermentando. Nada ocorrera ainda, porém, para modificar a divisão imemorial da sociedade entre as quatro classes, ou nações, como se pode melhor denominá-las, já que

as diferenças entre elas eram muito maiores do que as existentes entre as nações de hoje: dos ricos e pobres, dos instruídos e dos ignorantes. Eu próprio era rico e instruído, e possuía, portanto, todas as condições de felicidade desfrutadas pelos mais afortunados daquela época. Vivendo no luxo, ocupado apenas com a busca dos prazeres e requintes da vida, obtinha meu sustento do trabalho de outros, sem prestar em troca nenhum tipo de trabalho. Meus pais e avós tinham vivido da mesma forma, e eu esperava que meus descendentes, se os tivesse, desfrutassem da mesma vida fácil.

Mas como eu podia viver sem prestar nenhum serviço ao mundo? – perguntarão. Por que o mundo deveria sustentar em total ociosidade alguém que era capaz de trabalhar? A resposta é que meu bisavô havia acumulado uma quantidade de dinheiro com a qual seus descendentes tinham vivido desde então. O montante, concluirão vocês naturalmente, deve ter sido muito grande, para não ter se esgotado ao sustentar três gerações na ociosidade. Mas não é o que aconteceu. O montante, originalmente, não era grande em absoluto. Na realidade, era muito maior agora, depois que três gerações tinham sido sustentadas por ele na ociosidade, do que fora de início. Esse mistério do uso sem consumo, do calor sem combustão, parece mágica, mas foi apenas a engenhosa aplicação da arte agora felizmente perdida, mas levada a grande perfeição por nossos ancestrais, de transferir o fardo do nosso sustento para os ombros dos outros. Da pessoa que conseguisse isso, e era o objetivo que todos buscavam, dizia-se que vivia da renda de seus investimentos.

A esta altura, explicar como as antigas formas de trabalho tornavam isso possível iria demorar muito. Só direi por ora que o juro dos investimentos era uma espécie de taxa perpétua sobre o produto daqueles que trabalhavam, que uma pessoa que possuísse ou herdasse dinheiro podia cobrar. Não se imagine que uma situação que parece tão anormal e absurda, de acordo com as concepções modernas, nunca tenha sido criticada por nossos antepassados. Os legisladores e profetas, desde as épocas mais remotas, tinham feito esforços para abolir o juro, ou pelo menos a limitá-lo ao menor possível.

Contudo, todos esses esforços falharam, como era inevitável enquanto a antiga organização social prevalecesse. À época que descrevo, a última porção do século dezenove, os governos tinham de modo geral desistido totalmente de tentar regulamentar o assunto.

Tentando dar ao leitor uma noção geral sobre a forma como as pessoas viviam naquela época, e sobretudo das relações mútuas entre ricos e pobres, talvez o melhor que poderia fazer seria comparar a sociedade como era então com uma extraordinária carruagem a que eram atreladas as massas da humanidade, e que era arrastada trabalhosamente por uma estrada extremamente escarpada e arenosa. O condutor era a fome, e não admitia atraso, embora o andar fosse necessariamente muito lento. Apesar da dificuldade de arrastar a carruagem por uma estrada tão difícil, ela estava repleta de passageiros que nunca desciam, mesmo nas subidas mais íngremes. Esses lugares em cima da carruagem eram bem arejados e confortáveis. Bem acima da poeira, seus ocupantes podiam apreciar o cenário à vontade, ou discutir criticamente os méritos do grupo dos sobrecarregados. Naturalmente esses lugares eram muito procurados, e havia uma intensa competição por eles, cada qual buscando como maior objetivo na vida garantir um lugar na carruagem para si, deixando-o para seu filho depois. Pelas regras da carruagem, a pessoa poderia deixar seu lugar para quem quisesse, mas por outro lado, ocorriam muitos acidentes pelos quais, a qualquer momento, ele podia ser perdido. Embora fossem muito confortáveis, os assentos eram bastante inseguros, e a cada solavanco inesperado pessoas deslizavam deles e caíam no chão, onde eram imediatamente obrigadas a agarrar a corda e ajudar a puxar a carruagem onde tinham viajado tão prazerosamente. Claro que era considerado como uma grande desgraça perder seu lugar, e a preocupação de que isso pudesse acontecer a eles ou seus amigos era uma nuvem permanente pairando sobre a felicidade dos que viajavam.

Mas eles pensavam só em si próprios? – indagará o leitor. O seu luxo não se tornava intolerável comparado com o desti-

no de seus irmãos e irmãs que estavam nos arreios, e a noção de que o seu próprio peso lhes aumentava o trabalho? Não sentiam compaixão por seus semelhantes, que se distinguiam deles apenas pela sorte? Ah, sim; muitas vezes os passageiros expressavam comiseração por aqueles que tinham que empurrar a carruagem, sobretudo quando o veículo chegava a um trecho difícil da estrada, como acontecia com frequência, ou a uma subida especialmente íngreme. Nesses momentos, o esforço desesperado do grupo, seus pulos e quedas angustiosos debaixo do chicote impiedoso da fome, os muitos que desmaiavam segurando a corda e eram pisoteados na lama, compunham um espetáculo doloroso, que com frequência despertava manifestações altamente meritórias de sentimento no alto da carruagem. Nessas horas, os passageiros encorajavam os trabalhadores que puxavam a corda, exortando-os a terem paciência, e acenando com a esperança de uma possível compensação no outro mundo pela dureza de sua sorte, enquanto outros contribuía para comprar unguentos e linimentos para os aleijados e feridos. Todos concordavam que era uma pena que a carruagem fosse tão difícil de empurrar, e havia uma sensação de alívio geral quando o trecho particularmente difícil da estrada era vencido. Esse alívio, em verdade, não era totalmente em função dos trabalhadores, porque existia sempre o risco, nesses trechos difíceis, de uma queda geral, em que todos poderiam perder seus lugares.

Na verdade, deve-se admitir que o principal efeito do espetáculo da miséria dos trabalhadores puxando a corda era aumentar nos passageiros a noção do valor de seus lugares na carruagem, e fazer com que se agarrassem a eles com mais desespero que antes. Se os passageiros tivessem certeza de que nem eles nem seus amigos jamais cairiam dali, é provável que, além de contribuir para a compra dos linimentos e bandagens, se teriam preocupado pouquíssimo com os que puxavam a carruagem.

Tenho consciência de que isso vai parecer, aos homens e mulheres do século vinte, de uma incrível desumanidade, mas há duas coisas, ambas muito curiosas, que o explicam parcialmente.

Primeiro, acreditava-se firme e sinceramente que não havia outra forma de a sociedade funcionar, a não ser com muitos puxando a corda e uns poucos viajando em cima; e não só isso, mas que nenhuma outra melhoria radical seria jamais possível, fosse nos arreios, na carruagem, na estrada ou na distribuição do trabalho. Sempre tinha sido assim, e sempre seria. Era lamentável, mas não se podia fazer nada, e a filosofia proibia desperdiçar compaixão com o que não se podia resolver.

O outro fato é ainda mais curioso, consistindo numa singular alucinação, partilhada amplamente pelos que estavam em cima da carruagem, de que eles não eram exatamente iguais a seus irmãos e irmãs que puxavam a corda, mas feitos de uma argila mais fina, pertencente a uma ordem superior de seres, que deviam com justiça merecer serem transportados. Isso parece inexplicável, mas, como eu já viajei nessa mesma carruagem e partilhei dessa alucinação, podem me acreditar. A coisa mais estranha dessa alucinação é que aqueles que recém tinham deixado o chão, antes mesmo que perdessem as marcas da corda nas mãos, já caíam sob o domínio dela. Quanto àqueles cujos pais e avós tinham tido a sorte de conservar seus lugares no alto, a convicção que acalentavam sobre a diferença essencial entre sua espécie de seres e a das pessoas comuns era absoluta. O efeito dessa ilusão, transformando os sentimentos de solidariedade pelos sofrimentos da massa humana em uma compaixão distante e filosófica, é óbvio. Eu o aponto como a única atenuante que posso oferecer à indiferença que caracterizava minha própria atitude para com a miséria de meus irmãos, na época que descrevo.

Em 1887, cheguei aos trinta anos. Embora ainda solteiro, estava noivo de Edith Bartlett. Ela, assim como eu, viajava no alto da carruagem. Isso significa, para não nos sobrecarregar mais com uma imagem que serviu, espero eu, para o objetivo de dar ao leitor uma ideia geral de como se vivia então, que a família dela era rica. Naquela época, quando o dinheiro dominava tudo que era agradável e refinado na vida, bastava a uma mulher ser rica para ter pretendentes; mas Edith Bartlett

também era bela e graciosa.

Minhas leitoras, bem sei, irão protestar. “Bonita ela poderia ter sido”, ouço-as dizer, “mas graciosa nunca, nos trajes que estavam na moda naquela época, em que se cobria a cabeça com uma armação de um pé de altura, e o comprimento quase inacreditável das saias atrás, por meio de artifícios, desumanizava as formas mais que qualquer invenção anterior dos costureiros. Imagine alguém graciosa num traje desses!”. A observação é válida, sem dúvida, e só posso replicar que, enquanto as damas do século vinte são encantadoras demonstrações do efeito dos trajes para acentuar as graças femininas, minhas lembranças de suas bisavós me permite garantir que nenhuma deformidade de trajes podia disfarçá-las completamente.

Nosso casamento só aguardava o término da casa que eu estava construindo para nós numa das zonas mais cobiçadas da cidade, ou seja, uma zona habitada principalmente pelos ricos. Deve-se entender que as diferentes zonas de habitação de Boston eram mais ou menos desejáveis dependendo, não de aspecto naturais, mas da qualidade da vizinhança. Cada classe ou nação vivia separada, em bairros próprios. Uma pessoa rica vivendo entre os pobres, uma outra instruída entre os incultos, seria como alguém vivendo isolado entre uma raça estrangeira e invejosa. Quando a casa fora iniciada, esperava-se o seu término para o inverno de 1886. No entanto, a primavera do ano seguinte a encontrou ainda inacabada, e meu casamento estava por acontecer. O motivo do atraso, especialmente exasperante para um apaixonado ardente, foi uma série de greves, ou seja, uma recusa geral de trabalhar por parte de pedreiros, carpinteiros, pintores, encanadores e outras categorias envolvidas com a construção de casas. Quais os motivos exatos de tais greves, não recorro. As greves tinham se tornado tão comuns naquela época que as pessoas não perguntavam mais dos motivos exatos. Em um setor ou outro da indústria, tinham sido quase permanentes desde a grande crise empresarial de 1873. Na realidade, passara a ser algo insólito ver alguma classe de trabalhadores permanecer operante por mais de alguns meses de cada vez.



O leitor que registrar as datas referidas irá sem dúvida reconhecer nessas perturbações na indústria a primeira e contraditória fase do grande movimento que conduziu à estruturação do moderno sistema industrial, com todas as suas consequências sociais.

Isso é tão óbvio, em retrospecto, que uma criança pode compreender, mas, não sendo profetas, nós, naquela época, não fazíamos uma ideia clara do que nos estava acontecendo. O que percebíamos era que, industrialmente, o país estava numa fase estranha. As relações entre empregados e empregadores, entre o trabalho e o capital, pareciam, de forma inexplicável, perturbadas. As classes trabalhadoras, de repente e de forma generalizada, tinham sido contaminadas por uma profunda insatisfação com sua condição, e pela ideia de que ela poderia melhorar bastante se soubessem como fazê-lo. Por todos os lados, ao mesmo tempo, apresentavam exigências de melhores salários, menos horas de trabalho, melhores habitações, melhores condições educacionais, e a participação nos requintes e luxos da vida, exigências que não se via como atender, a não ser que o mundo ficasse muito mais rico do que era. Embora soubessem mais ou menos o que queriam, não sabiam como chegar lá, e o ardente entusiasmo com que se amontoavam em torno de qualquer um que parecesse capaz de esclarecê-los emprestava repentina fama a muitos supostos líderes, alguns dos quais não possuíam conhecimento suficiente. Por mais quiméricas que parecessem as aspirações das classes trabalhadoras, a lealdade com que se sustentavam uns aos outros nas greves, que eram sua maior arma, e os sacrifícios por que passavam para mantê-las não deixavam dúvida de sua profunda sinceridade.

Quanto ao resultado final dessas perturbações do trabalho, termo pelo qual esse movimento que descrevi era geralmente conhecido, as opiniões das pessoas de minha classe diferiam conforme o temperamento individual. Os sanguíneos<sup>[5]</sup> argumentavam decididamente que era, pela própria natureza das coisas, impossível que os novos anseios dos trabalhadores fossem satisfeitos, simplesmente porque o mundo não

[5] Hipócrates (460a.c) indicou 4 temperamentos ou abordagens de vida: Fleumático, colérico, melancólico ou sanguíneo.

tinha recursos para isso. Só porque as massas trabalhavam duramente e viviam com poucos recursos é que a raça humana não morria totalmente de fome, e nenhuma melhoria de suas condições seria possível enquanto o mundo, como um todo, continuasse tão pobre. Não era contra os capitalistas que os trabalhadores estavam lutando, diziam eles, mas contra o ambiente, um círculo de ferro cercando a humanidade, e era só por serem cabeças-duras que quando descobriam isso decidiam continuar lutando contra algo que não podiam mudar.

Os menos sanguíneos concordavam com tudo isso. Naturalmente os anseios dos trabalhadores eram impossíveis de realizar, por razões naturais, mas havia motivos para temer que eles só fossem descobrir isso depois de terem criado uma lamentável desordem na sociedade. Eles tinham os votos e o poder para fazer isso, se quisessem, e seus líderes diziam que o fariam. Alguns desses observadores desanimados chegavam a prever um iminente cataclisma social. A humanidade, diziam, tendo subido ao último nível da escala da civilização, estava prestes a mergulhar no caos, depois do que sem dúvida iria se erguer, se voltaria e começaria a subir novamente. Repetidas experiências desse tipo nas épocas histórica e pré-histórica possivelmente seriam a causa dos intrigantes ressaltos do crânio humano. A história humana, como todos os grandes movimentos, era cíclica, e retornaria ao ponto de partida. A ideia de um progresso ilimitado e em linha reta era uma quimera da imaginação, sem nenhuma analogia na natureza. A órbita parabólica de um cometa talvez seria uma imagem ainda melhor da trajetória da humanidade. Dirigindo-se para cima e para o Sol, desde o afélio do barbarismo, a raça humana atingiria o periélio da civilização apenas para mergulhar novamente na direção inferior, nas regiões do caos.

Essa, naturalmente, era uma opinião extremada, mas lembro de homens sérios, entre os meus conhecidos, que ao discutir os sinais dos tempos, adotavam um tom parecido. Era, sem dúvida, a opinião geral dos homens de ideias que a sociedade estava se aproximando de um período crítico que poderia resultar em grandes mudanças. Os distúrbios trabalhistas, suas causas, seu rumo e solução, eram os tópicos mais

importantes na imprensa e nas conversas sérias.

A tensão nervosa da opinião pública não poderia ser ilustrada de forma mais marcante que pelo alarme que resultou do discurso de um pequeno grupo de pessoas que se denominavam anarquistas, e se propunham a aterrorizar o povo americano para que adotasse suas ideias com ameaças de violência, como se uma nação poderosa, que recém havia extinto uma revolta de metade de seus integrantes a fim de manter seu sistema político, fosse capaz de adotar um novo sistema social por causa do medo.

Como um dos ricos, com uma grande participação na ordem estabelecida, eu naturalmente compartilhava as apreensões de minha classe. A queixa particular que eu tinha contra as classes trabalhadoras, à época, por conta dos efeitos de suas greves no adiamento de minha felicidade conjugal, sem dúvida acrescentava uma animosidade particular a meus sentimentos a respeito deles.

## Capítulo 2

O dia trinta de maio de 1887 foi uma segunda-feira. Era um dos feriados anuais do país naquele último terço do século dezenove, sob o nome de Dia da Condecoração, em honra da memória dos soldados do Norte que haviam participado da guerra para a preservação da união dos estados. Os sobreviventes da guerra, acompanhados por cortejos civis e militares e banda de música, costumavam nessa ocasião visitar os cemitérios e colocar coroas de flores nos túmulos de seus camaradas mortos, numa cerimônia solene e tocante. O irmão mais velho de Edith Bartlett tinha morrido na guerra, e nesse dia a família tinha o hábito de fazer uma visita ao Monte Auburn, onde jazia seu corpo.

Eu tinha pedido permissão para participar do grupo e, ao retornarmos para a cidade ao anoitecer, fiquei para jantar com a família de minha noiva. Após o jantar, na sala de visitas, peguei um jornal da tarde e li sobre uma nova greve na área da construção civil, que iria provavelmente retardar ainda mais o término de minha pobre casa. Lembro muito bem como fi-

quei exasperado com isso, e das invectivas, tão fortes quanto era possível na presença das damas, que prodigalizei sobre os trabalhadores em geral e aqueles grevistas em particular. Recebi amplo apoio dos presentes, e as observações feitas na conversa incoerente que se seguiu, sobre a conduta inconsequente dos agitadores trabalhistas, foram de fazer arder as orelhas destes.

Concordamos em que os negócios estavam indo rapidamente de mal a pior e que não se poderia dizer onde iam parar em breve.

“O pior”, lembro que a sra. Bartlett observou “é que as classes trabalhadoras no mundo inteiro parecem ter enlouquecido ao mesmo tempo. Na Europa está ainda pior que aqui. Com certeza eu não me arriscaria a viver lá de jeito nenhum. Perguntei ao meu marido noutro dia para onde deveríamos nos mudar se acontecessem todas essas coisas horríveis com que ameaçam esses socialistas. Ele disse que não sabia de nenhum lugar onde a sociedade se possa considerar estável a não ser a Groenlândia, a Patagônia e o Império Chinês. “Os chineses sabiam o que faziam”, acrescentou alguém, “quando se recusaram a deixar entrar lá a civilização ocidental. Sabiam melhor do que nós no que resultaria. Viram que não passava de dinamite disfarçada”.

Depois disso, lembro que puxei Edith de lado e tentei convencê-la de que seria melhor casarmos de imediato, sem esperar pela conclusão da casa, e ficarmos viajando até que ela ficasse pronta. Ela estava especialmente bonita naquela noite, com o traje de luto que usava em função da data realçando o tom claro de sua tez. Posso vê-la ainda com a visão mental exatamente como estava naquela noite. Quando me despedi ela me seguiu até o hall e eu a beijei em despedida, como de hábito. Não houve nada de diferente de outras ocasiões em que tínhamos nos despedido por uma noite ou um dia. Não havia em absoluto nenhuma premonição em minha mente, e por certo nem na dela, de que seria mais do que uma despedida comum.

Ah, porém...!

A hora em que deixei minha noiva era bastante cedo para um apaixonado, mas não tinha a ver com minha dedicação a